

CONTRIBUIÇÃO PARA UM INQUÉRITO LINGÜÍSTICO NO LITORAL DO PARANÁ

Serafina Traub Borges do Amaral

Licenciada em Letras Neolatinas pela
Universidade do Paraná

Em maio e em setembro de 1953 realizou-se, sob a competente e entusiástica direção do sempre lembrado professor Osvaldo Pinheiro dos Reis, uma excursão de pesquisa lingüística ao litoral do Estado, na qual os componentes (8 alunos de Filologia Românica) levavam tarefas claramente delimitadas para maior eficiência na colheita de dados. Era intenção do professor Pinheiro dos Reis, com o material recolhido e que lhe fôra por nós mesmos ofertado, escrever um trabalho sôbre o assunto. O súbito e nunca suficientemente lamentado falecimento do prof. Pinheiro dos Reis, levou o Centro de Estudos Lingüísticos do Paraná a se interessar pelo assunto, tendo sido, porém, inúteis todos os esforços no sentido de localizar os originais dêsse trabalho.

O desejo de prestar uma homenagem ao meu caro professor, pioneiro da pesquisa dialetal no Paraná, e o apoio e incentivo que me foram dados pelos ilustres professôres Dr. Mansur Guérios, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, e Dr. Heinrich A. W. Bunse, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio Grande do Sul, levam-me hoje a dar publicidade às anotações tomadas durante aquela pesquisa que, assim, não ficará inteiramente perdida, servindo, talvez de encorajamento a outros estudiosos do assunto.

O LUGAR

Rio dos Medeiros, município de Guaraqueçaba, está situado sôbre o braço direito do rio Medeiros, na margem ocidental da baía de Guaraqueçaba, Paranaguá, Paraná, Brasil.

Vilarejo que não merece sequer registro na carta da baía de Paranaguá, editada pelo Ministério da Marinha, tem cerca de 20 casas — das quais 12 à margem do rio e as demais no interior. Tem aproximadamente 80 habitantes que se dedicam às atividades da lavoura e da pesca, como meio principal de subsistência e às indústrias caseiras da feitura de cestos, rêdes, farinha, cerâmica, como atividades suplementares. As culturas mais importantes são as do arroz e da mandioca, embora se plante ainda a batata doce.

As comunicações se fazem unicamente por via marítima, não havendo nenhuma espécie de viatura. Os caminhos que existem são poucos e maus, simples picadas, quase sempre alagadas, que mal dão passagem a uma pessoa, obrigando à tão conhecida formação em fila indiana.

OS INFORMANTES

Todos prestaram, com a maior boa vontade, tôdas as informações pedidas. São analfabetos, com exceção de dois rapazes que prestaram serviço militar e voltaram alfabetizados. O caráter físico mais notável é a ausência dos incisivos superiores na quase totalidade dos habitantes. São, na maior parte, mestiços, com acentuados traços indígenas.

Destaco “Senhorinha de Manuel Águeda” como principal informante. É conhecida por “Si’ora ou Siuri(n)a di Mané Águida” — nome de solteira — já que seu pai é muito mais conhecido que o marido. Analfabeta. Como caracteres psicológicos: atenta, cortês, extremamente hospitaleira; um pouco esquiva de início, comunicativa e até alegre, depois de quebrada a reserva do primeiro encontro.

A LÍNGUA

Observações fonéticas:

O que primeiro nos chama a atenção em Rio dos Medeiros como aliás em quase todo o litoral do Estado do Paraná, dentro da Baía de Paranaguá — onde primeiro notei o fenômeno — pelo menos, é a não pronúncia do som línguo-palatal **j**. Assim, pronunciam **lórie** por Jorge; **ingrêia** por igreja, etc. Outro fenômeno interessante é a desnasalação constante: **bánána**, **fándángo**,

minguante, etc. A pronúncia dos **rr** chama a atenção pela acentuada diferença dos **rr** do planalto. O **r** medeirano é um **r** líquido, paulista, bem diferente do **r** bem nítido, línguo-dental, do curitibano, por exemplo. Esse **r** peculiar dos medeiranos será representado neste trabalho por **r** em negrito.

A articulação do **l** bem nítida, quando aparece entre vogais; aparece meio confusa, ora como **r**, ora como **i**, quando vem antes de outra consoante: arquêre (alqueire), **êis** (ê'es), isto é, **êles** > **êls** > **êis**; cáine (carne). A articulação do **s** é peculiar, pois que é pronunciado **x** (de **xarope**) ou às vêzes com o som de **g** e **j** em espanho: **véxu** (verso), **Néxu** (Nelson), **cajca** (casca), **trêij** (três). Represento por **x**.

As consoantes **d**, **t**, **m** são bem nítidas: **d** articulado perfeitamente como fonema línguo-dental sonoro, e o **t** como surdo. Da mesma forma o **m** é nitidamente articulado.

O som **ch** é pronunciado **tch** ou **tx**: **lántcha** (lancha) **rántcho** (rancho), etc. O que no português comum é **ch**, no medeireiro vale por **tch** (**tx**), embora eu o represente por **ch**.

O **i** e o **u** nasais são aqui representados por **n** entre parênteses depois dessas vogais; assim: **i(n)**, **u(n)**.

Observações morfológicas:

Os verbos têm apenas duas formas diferenciadas: a da primeira pessoa e as restantes, tôdas iguais. Fica, p. ex., o presente do indicativo, conjugado assim: eu **iógo**, tu **ióga**, nós **ióga**, êis **ióga**.

No tratamento vemos que se usa a segunda pessoa do singular — tu, mecêis, senhor (indiferentemente para o sexo masculino ou feminino — o que dá um sabor medieval à conversa — “A senhor ñum viu o fándango?”), nhô — esta última forma usada na ausência da pessoa — “Tu díiz apra nhô Antónho...” — mas na presença desse Sr. Antonio chamaram-no **sinhor**.

A concordância entre o substantivo e o adjetivo, quanto ao gênero sempre se faz de modo especial: o substantivo é feminino, mas o adjetivo se conserva sempre masculino: “**Qui minina lindo!**”, “**Um doença desse...**”, “**um guri**”, “**um guriá**”.

As formas duplicadas são muito comuns, principalmente entre as mulheres: “Têim tanta dô, tanta dô, tanta dô...” “A sinhôr põi sa in riba dêi êli férvi, férvi, férvi, férvi, faiz úm is-pumarada i mórrri”.

Expressões locais são ainda: “**antis témpo**” para significar **antigamente**; “**matar taii(n)a**” (matar tainha) e “**caçá pêxe**”; o uso da palavra “**tiúco**” (tejuco) para significar barro ou mesmo areia molhada.

A respeito da construção da frase, veja na parte final.

* * *

Seguindo o “Estudo dos dialectos e falares portugueses” do Prof. Manuel de Paiva Boléo, da Faculdade de Letras de Coimbra, darei, a seguir, o vocabulário recolhido, referente à natureza, trabalhos agrícolas, animais domésticos — tarefa que me fôra designada nessa pesquisa.

A NATUREZA, OS FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS, ASTRÓS, TEMPO.

montanha	morro, arto, xerra;
ribanceira	barranxera;
rio	riú;
nascente de rio	ôio dáuga;
ventos	munção da noiti, vêntu norti, ventu sur;
relâmpago	ralámpu;
chuva	iúva;
arco-íris	arcuíriu
orvalho	xerenada
sol	sór
lua	lu(n)a-minguánti, crexénti- munção da lu(n)a (fases da lua);
estrêlas	não dão nome especial às estrê- las; conhecem as “treimaria” e o “Cruzeru”; “fai mar apontá azistrêla - dá birruga”.
os dias da semana	sigunda, terxa, quarta, quinta, sejta, sabo, domingo.
os meses do ano	ianêro, feuerero, marxo, abrí, maio, iunho, iulho, agojto, si- têmbro, oitubo, novembo, dijem- bo.

manhã, meio-dia, tarde, noite . . .	minhã, mêo-dia, tardi, nôiri;
hoje, ontem, amanhã	ôie, ônti, ontônti, aminhã;
as estações do ano	nu témpu du quénti, nu témpu du fríu;
os numerais	um, dôi, trêi, sêi, xincuenta. quartôze, córenta i xincu, trinta i xincu, sexenta i trêi;
mil, milheiro	mí; miêru, cém mí réi;
cento	xento;
alqueire	arquêri (um sácu de dôi arqueri, um córenta quílo);
dúzia, quilo, litro	duza, quilo, litro.
uma porção	u(n)a (u nasal + a) porxão.
muito (adv.)	uma redada.

AS PLANTAS:

árvore	arvi;
jaboticaba	iabuticáua;
mastruço	mentruij
gomos da laranja	bagu da larânia;
alecrim	licrim (usado em defumação, quando nasce uma criança - livra do mau olhado).
descascar (um fruto)	dicajá.
cereais	míio, arrôi (marelão, branco. marelão vermêio, igapi(n)o, matão branco)
semente de laranja	carôxo
tangerina	larânia mimósa
laranja	larânia grândi
limão	limão dôxi e ajedo
pimenta	pimenta preta e pimenta cumai
pinhão	pi(n)ão (desconhecem a pinha; não há pinheiro no litoral).
mandioca	mândióca (para fazer farinha); aipí (para comer cozido).
espiga de milho	ispiga (a do arroz também é ispiga ou frô).

cogumelos chapéo di cóbra.
podar capá a árvi.
gomo de laranja bago da larânia.
melancia milánxía

Sendo a cultura do arroz a mais importante, procurei estudar melhor o assunto: O arroz (os “arrôî”, “côîê us arrôî”, “prantá us “arrôî”) é plantado a cêrca de três quilómetros da margem do rio, em zona alagadiça, que deve abranger mais de cinco mil metros até o sopé de um morro, cuja encosta é plantada de mandioca (ráma). O plantio do arroz começa em junho ou julho e é colhido em fins de abril ou princípios de maio. O trabalho é comum aos homens e às mulheres — a não ser que estas estejam de “famíia nova”. Trabalham descalços, com água até o joelho, enterrando as mudas no lôdo que formam o fundo do alagado. Na colheita apanham o “frô” ou “ispiga du arrôî” e empilham-na em casa, a um canto da sala. Como instrumentos agrícolas, usam a pá, a enxada, e ta'vez outros. A “frô” colhida é posta em sacos que mulheres e crianças carregam sôbre a cabeça, em sucessivas viagens, pelas trilhas que as freqüentes viagens traçam até à orla do rio.

Empilhado o arroz, e pronta a colheita de todos os plantadores, organizam-se “fándângos” — danças típicas de todo o litoral paranaense — que tomam o nome de “gámbá”, um em cada casa em que há arroz a ser debulhado, pois a dança consta de um sapateado executado, descalços os participantes, sôbre o arroz espalhado no chão. O atrito dos pés faz com que, ao fim da dança, após terem sido espalhadas sucessivas camadas de espigas, o arroz esteja completamente debulhado. — A explicação me foi dada assim: “U gámbá é u fándangu mêmu, dona, só qui é in riba du arrôî seim sapatu neim tamáncu. E' uma vêi in casa di cada um qui teim os arrôî.” — Uma vez debulhado o arroz é vendido em Paranaguá a “cêim mí réi” o saco de “dôî arquêri” (aproximadamente 45 kg.), e, com o resultado da venda, compram os artigos de que necessitam.

Além do arroz, plantam ainda mandioca (para feitura de farinha) e aipim (comestível), que têm o nome genérico de “ráma” — “aquêli artu ali é só ráma”; “agóra tá nu tempu di prantá ráma”.

O café só é plantado ocasionalmente; as plantas que vi, por certo muito antigas, eram altíssimas, tornando a colheita uma verdadeira acrobacia; e, apresentando, no mesmo pé, bagos verdes, rosados, vermelhos e flôres ao mesmo tempo. Secam-no em casa, torrando-o em uma "fríidera" (espécie de tigela rasa, de barro, de feitura doméstica) com algumas colheres de açúcar escuro e três ou quatro dentes de cravo da Índia "prá dá sabô". O café é sempre coado na hora de ser servido, do contrário, ficaria "amargôsu" ou "venenôsu".

Embora a mulher trabalhe a par do homem no serviço agrícola, ela não se ocupa com as tarefas correlatas com a pesca. É o homem quem tece as rêdes, os cabos e os tinge com a fervura do cipó "iacatiró". Em compensação nenhum homem se ocupa da cerâmica, tarefa feminina por excelência.

OS ANIMAIS:

animal	alimá;
focinho	foci(n)u;
feminino de cachorro	cachórra;
ovo, ovos	zóvu — "Ói qui um zóvu pra sinhor iantá" — "sinhor" no sentido de senhora — feminino (arcaico)
gema	iêma
clara	crara.
galinha, galo, frango	gali(n)a, galo, frángo.
cobra	Há poucas; só há uma que é venenosa; é a "corá", mas muito rara. Ouvi a um dos circunstantes: "Cóba simpênti".
os cães	Há muitos, e assim designados: Avánti, Siguru, Tupi, Dragão. Livánti (veadêru di premera).
pesca	Não se usa a palavra pesca , e sim "matá pêxe" ou "caçá pêxe".
lagarto, lagartixa	lalgato, lalgatixa.

porco	porco, pórcã, curê (Para chamar usam: "curê, curê...")
chiqueiro	chiquero.
peixes	badejão, tubarão, cação, bagre, pescada, pescadi(n)a, jairé, raia, carãi(n)a, ôstra, camarão.

Insetos:

mosquito, mosca	pernelôngo, mosca e mosca mordedêra.
pulga, barata, piolhos , etc.	bichu, bichu de cabeça, bichu de cáma, etc.

caça Não há armas de fogo; a caça é feita com armadilhas a que chamam "mundéu", com que caçam tatu, preá e até "viado", segundo um informante não muito digno de crédito (Moacyr Águeda). Não tive oportunidade de ver um mundéu, mas informaram-me que é mundéu de laço, embora isso não me esclareça a questão. O "bodoque" ou "bedóque", de desenho especial, como um arco de flecha, com que atiram uma pedra a distâncias bem respeitáveis, tem a preferência dos meninos para a caça de passarinhos.

Verificamos que, com exceção de galinhas, cães, um único gato e dois porcos, nada há quanto a animais domésticos na maioria dos lares medeiranos. Os cães pertencem especificamente a cada família, mas o mesmo não se pode dizer das galinhas — "criação" — que andam por tôda a parte e que pertencem mais ou menos a todos — "As mi(n)a criação tá tudo ispáiadu".

Passáros sabiá, bintiví, tico-tico, bunitu-lindu, biguá (uma espécie de mergulhão), galga ou gaiça, e pintassírvi.

Abelha abêia. O mel só é usado quando encontrado no mato. "A iênti a vi acha mer, cuândo é tempu di prántá ráma, nus mato".

A frase:

Chamou-me a atenção ainda a construção da frase, por exemplo:

— Essa iênti senta na bêra dos capim... (referente aos espectadores de um jogo de futebol — animadíssimo, aliás).

— Cum chúua tá muiadu u câmpu...

— Si u governu dasse di(n)ieru... (queixa contra a falta de escola no local — falta saneada mais tarde — Já em setembro, na segunda viagem que fizemos, havia uma escola).

— U'a duença dêsse dêxa as pessoua fracu...

— Qui minina lindu...

— A sinhor qué iatá? — dirigindo-se a uma pessoa do sexo feminino.

— Lórie, vêi(n)a tumá um górpí di café cá sua vó... (Tradução: Jorge, venha tomar um gole de café com sua avó...)

— A sióra vái pur ali, garra êssi cami(n)u tuda vida, dispois da derradêra casa, é lá...

— Mais cuma êli tá bunitu tudo di arvo... (Mas, como êle está bonito todo de branco... — Referência ao nenê que recebera de presente um enxoval todo branco).

— E' m'ermão, teim cincú fíu máchu, túdu moránu cuêlê...

— Agora num si fáí lôça di barro, pur causa dus arrôí (a co-lheita) issu é sirviçu pra quondo a ienti tá cus dêdu limpu (não tem o que fazer)...

Na primeira visita que fizemos, verifiquei que não havia nenhuma criança de menos de cinco ou seis anos presumíveis entre a farta população infantil local, admirada, perguntei se havia muito não nasciam nenês, e obtive a seguinte resposta:

Tiã muito, mais a duença bateu aqui i levou tudo a safra nova...

— E os seus não tiveram a doença? Que doença era?

— Deu a tossi cumprida aqui, qui levou tudu, os meu num tivêru, mais iscundí ê'is por baxo das fôia (frase figurada que

significa — tomei tôdas as precauções, disfarcei-os para que a doença não os visse) . . .

* * *

Do que aqui ficou registrado, verificamos que a língua usada em Rio dos Medeiros merece mais profundo e acurado estudo, e o terá, certamente, pois que o assunto o exige.

O povo de Rio dos Medeiros é cavalheiresco e gentil, atento e hospitaleiro. Pudemos observar que a sua vivacidade de espírito não fica atrás da de qualquer brasileiro de cidade grande, que pode ser enganado, mas sabe que o está sendo, e só o permite por uma questão de, digamos, espírito esportivo. Senão, atendem para a expressão de um habitante do lugar ao ver desembarcar da lancha os componentes da caravana: “Ué, iênti, sirá qui têm inléição trá veij?”